



## História e memória na poesia de Conceição Evaristo

### History and Memory in Conceição Evaristo's Poetry

Luiz Fernando Valente<sup>1</sup>

#### Resumo:

Mais conhecida por sua ficção, a escritora afro-brasileira Conceição Evaristo (1946) é autora de uma inovadora obra poética, que se insere na melhor tradição do cânone da poesia brasileira ao mesmo tempo em que o renova. Focalizando no livro *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017), uma coletânea de poemas escritos ao longo de várias décadas, nos quais são reveladas preocupações semelhantes às demonstradas na sua prosa, este artigo pretende avaliar a ainda relativamente pouco discutida obra poética de Evaristo a partir da dicotomia entre memória e história, proposta por Pierre Nora em seu célebre ensaio “Entre mémoire e histoire: la problématique des lieux” (1984). Num registro mais “realista”, a poesia de Evaristo participa do esforço no sentido de valorizar uma linha alternativa à narrativa histórica brasileira que faça justiça ao papel desempenhado pelos afro-brasileiros na formação do Brasil, desde o tráfico negroiro até a contemporaneidade, frequentemente marginalizado pela chamada história oficial. A originalidade da contribuição de Evaristo, todavia, consiste em articular essa história com a celebração de *lugares de memória*, em que as ruínas do passado são reconstruídas na afirmação, ainda que dolorosa, de uma identidade comunitária e utópica. No diálogo entre história e memória, a poesia de Evaristo corporifica a tríplice função – documental, crítica, e transformativa – da melhor literatura de conteúdo histórico, conforme propôs Dominick LaCapra.

**Palavras-chave:** história; memória; identidade; Conceição Evaristo; *caritas*.

#### Abstract:

Best known for her fiction, Afro-Brazilian writer Conceição Evaristo (1946 ---) is the author of an innovative poetic oeuvre, which follows in the best tradition of the canon of Brazilian poetry while, at the same time, renewing it. Focusing on the volume *Poemas da recordação e outros movimentos* [Poems of Remembrance and Other Movements] (2017), a collection of poems written over several decades, which reveal concerns similar to those expressed in her prose, this article aims to reassess Evaristo's poetry from the dichotomy between memory and history, proposed by Pierre Nora in his celebrated essay “Entre mémoire e histoire: la problématique des lieux” (1984). On a more “realistic” register, Evaristo's poetry participates in the effort to valorize an alternative line to the so-called official history that would do better justice to the role played by Afro-Brazilians in the formation of Brazil from the days of the slave trade to the contemporary period. The originality of Evaristo's contribution consists, however, in articulating this history with the celebration of *places of memory*, in which the ruins of the past are reconstructed into the affirmation, albeit painful, of a communal and utopian identity. In the dialogue between history and memory, Evaristo's poetry embodies the threefold function – documentary, critical, and transformative – of the best literature of historical content, as proposed by Dominick LaCapra.

**Keywords:** history; memory; identity; Conceição Evaristo; *caritas*.

É surpreendente que apenas a partir do início do século XXI Conceição Evaristo (1946) tenha começado a receber a atenção que merece como uma das grandes escritoras brasileiras da atualidade. Evaristo pertence à mesma geração de Ana Maria Machado (1941), Sérgio Sant’Anna (1941-2020), Chico Buarque (1944), Paulo Leminski (1944-1989) e outros autores nascidos na década de 1940, cujas obras foram reconhecidas muito mais cedo. As razões para o reconhecimento tardio da obra de Evaristo são muitas, e não constituem o cerne

---

<sup>1</sup> Doutor em Literatura Comparada pela Brown University (EUA). Professor de Literatura Brasileira e Literatura Comparada na Brown University.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa  
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>  
Vol. 16, n. 2 -2020  
Dossiê Literatura e Gênero

deste artigo. Todavia acredito ser pertinente o comentário da autora à jornalista Júlia Dias Carneiro, da BBC Brasil, em março de 2018, quando se preparava para o lançamento da edição francesa do livro de contos *Insubmissas lágrimas de mulheres*: “Que regras são essas da sociedade brasileira para vermos uma mulher virar um expoente no campo da literatura só aos setenta e um anos? . . . Por que a minha competência está sendo tão tardiamente reconhecida?” (CARNEIRO, 2018, s. p). Seu primeiro livro, o romance *Becos da memória* (2006), ficou guardado por mais de vinte anos enquanto a autora procurava, em vão, uma editora que se dispusesse a publicá-lo. E sua poesia, assunto deste trabalho, foi dispersamente incluída em antologias no Brasil e nos Estados Unidos até ser reunida no magnífico volume *Poemas da recordação e outros movimentos* (2017). Essas questões não são apenas de interesse para a sociologia da literatura, mas ajudam a nos relacionar com as origens e o destino do que Evaristo chamou de suas “escrevivências”, isto é, sua escrita a partir de vivências como mulher, negra e pobre:

Por isso prossigo  
persigo acalentando  
nessa escrevivência  
não a efigie de brancos braços  
sim o secular senso de invisíveis  
e negros queloides, selo originário  
de um perdido  
e sempre reinventado clã (EVARISTO, 2017, p. 105)

Não resta dúvida que a poesia de Conceição Evaristo não pode ser integralmente apreciada, sem considerarmos a tríplice identidade da autora como mulher, como negra, e como oriunda de uma família pobre, embora não possa ser reduzida a uma expressão identitária. Conforme alerta o historiador norteamericano John R. Gillis, o termo identidade, “popularizado por Erik Erickson no final da década de 1950 em conexão com um sentido individual do *eu*, assumiu, subsequentemente, uma variedade tão desconcertante de significados” [“popularized by Erik Erickson in the late 1950s in connection with an individual sense of self, subsequently took on such a bewildering variety of meanings”] que acabou por se tornar um cliché desprovido de rigor crítico (GILLIS, 1994, p. 3). Gillis propõe uma aliança entre uma noção flexível de identidade e o conceito de memória: “Precisamos lembrar que memórias e identidades não são coisas fixas, mas representações ou construções da realidade, fenômenos subjetivos e não objetivos” [“We need to be reminded that memories



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa  
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>  
Vol. 16, n. 2 -2020  
Dossiê Literatura e Gênero

and identities are not fixed things, but representations or constructions of reality, subjective rather than objective phenomena”] (GILLIS, 1994, p. 3). Essa aliança desemboca necessariamente na história: “a relação entre memória e identidade é histórica” [“the relationship between memory and identity is historical”] (GILLIS, 1994, p. 5). As interconexões entre identidade, memória e história fornecem, portanto, a chave crítica para nossa apreciação da obra poética de Conceição Evaristo.

Os três termos merecem alguma reflexão antes de passarmos à leitura dos poemas de Evaristo. Em primeiro lugar é imprescindível evitar a tentação de essencializar a noção de identidade. Como sugeri acima, identidade não pode ser pensada como inflexível, permanente, inerte ou unitário. Vale a pena lembrar aqui a crítica de Erving Goffman à pretendida unidade das biografias como algo de artificial, crítica essa que é aplicável à questão da identidade. Embora o biógrafo frequentemente procure excluir o que é contraditório ou desconectado, qualquer tentativa de se criar uma “singularidade abrangente da linha da vida se choca com a pluralidade de eus que encontramos no indivíduo ao olhá-lo da perspectiva do papel social” [“embracing singleness of life line is in sharp contrast to the multiplicity of selves one finds in the individual in looking at him from the perspective of social role”] (GOFFMAN, 1963, p. 63). Sujeita aos percalços do tempo, a identidade não é estática ou atemporal. Muito pelo contrário, como demonstra a poesia de Evaristo, está enraizada nas lembranças e na situação histórica de indivíduos e de grupos. É nesse sentido que seria útil considerarmos a dicotomia entre memória e história conforme formulada pelo historiador francês Pierre Nora em seu seminal ensaio “Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux” [“Entre a memória e a história: a problemática dos lugares”], extremamente pertinente para a compreensão da poesia de Evaristo.

Segundo Nora, o mundo contemporâneo, dominado pela história concebida como *representação* do passado e marcada por uma ruptura entre o presente e o passado, assistiu ao desvanecimento da memória no seu sentido tradicional, isto é, a memória coletiva, mítica, caracterizada pela continuidade entre o passado *fundador* e o momento presente, que possuíam as sociedades primitivas ou arcaicas. A história tal como a concebemos contemporaneamente seria resultado da relativização e da dessacralização do nosso relacionamento com o passado. Enquanto em sociedades tradicionais o passado e o presente



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa  
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>  
Vol. 16, n. 2 -2020  
Dossiê Literatura e Gênero

se fundiam numa totalidade, na contemporaneidade o passado aparece frequentemente como um *outro*, distinto e descontínuo com o nosso presente, resultado da prevalência de uma concepção científica e supostamente objetiva da história. Em parte porque na prática é impossível vivermos completamente sob a égide da história ou inteiramente isolados da memória – “uma sociedade que vivesse inteiramente sob o signo da história acabaria no final das contas por não conhecer, da mesma maneira que uma sociedade tradicional, lugares onde ancorar sua memória” [“une société qui se vivrait intégralement sous le signe de l’histoire ne connaîtrait en fin de compte, pas plus qu’une société traditionnelle, de lieux où ancrer sa mémoire”] (NORA, 1984, p. XX) – somos levados a imaginar *lugares de memória*, isto é, arquivos, comemorações, monumentos, e até mesmo obras historiográficas e literárias, nos quais a memória, antes *vivenciada*, teria deixado seus *traços*. À medida em que a história se torna predominante, aumenta também a necessidade de recapturarmos a memória evanescente através de um retorno neo-mítico às nossas supostas origens:

A passagem da memória à história exigiu de cada grupo a obrigação de redefinir sua identidade através da revitalização de sua própria história. O dever de lembrar faz de todos um historiador. O imperativo da história ultrapassou, assim, o círculo dos historiadores profissionais. Os antigos marginalizados pela história tradicional não são os únicos atormentados pela necessidade de recuperar o passado que ficou soterrado. Seguindo o exemplo das etnias e minorias sociais, cada grupo estabelecido (...) sente a necessidade de sair à procura de sua própria formação, de reencontrar suas origens.

[Le passage de la mémoire à l’histoire a fait à chaque groupe l’obligation de redéfinir son identité par la revitalisation de sa propre histoire. Le devoir de mémoire fait de chacun l’historien de soi. L’impératif d’histoire a ainsi dépassé, de beaucoup, le cercle des historiens professionnels. Ce ne sont pas seulement les anciens marginalisés de l’histoire officielle que hante le besoin de récupérer leur passé englouti. C’est tous les corps constitués (...) qui, à l’instar des ethnies et des minorités sociales éprouvent le besoin de partir à la recherche de leur propre constitution, de retrouver leurs origines.] (NORA, 1984, p. XXIX)

Investidos de uma “aura simbólica” e participando de uma relação ritualística com a comunidade, os lugares da memória têm como função estancar a ação corrosiva do tempo e bloquear a obliteração do passado pelo esquecimento. Nora insiste, entretanto, que, apesar de suas conexões com rituais seculares, não existe nada de estático nos lugares de memória. Pelo contrário, os lugares de memória são caracterizados por uma incessante transformação de suas significações e ramificações.

Essas questões são colocadas no riquíssimo texto de abertura de *Poemas da*



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa  
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

*recordação e outros movimentos*,<sup>2</sup> “Recordar é preciso” (EVARISTO, 2017, p. 11), que funciona ao mesmo tempo como prólogo e arte poética. O título alude parodisticamente<sup>3</sup> ao poema de Fernando Pessoa, “Navegar é preciso”, o qual, por sua vez, se refere à frase atribuída pelo historiador Plutarco ao general romano Pompeu, admoestando os marinheiros amendrontados a seguirem o preceito de que “navigare necesse est; vivere non est necesse”, ou seja, “navegar é preciso, viver não é preciso”. Evaristo se afirma, assim, como pertencendo à tradição literária e cultural em língua portuguesa, mas, ao substituir o verbo “navegar” pelo verbo “recordar” introduz uma importante diferença, preparando o caminho para os dois primeiros versos: “O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos / A memória bravia lança o leme”. Não se trata aqui do mar heroico da tradição camoniana. Os versos estabelecem, antes, um diálogo com a primeira estrofe de *O navio negreiro*, o poema anti-épico de Antônio de Castro Alves (1847-1871), que primeiro denunciou em nossas letras a espoliação empreendida pelo tráfico negreiro e suas consequências devastadoras:

‘Stamos em pleno mar...  
Doudo no espaço  
Brinca o luar — dourada borboleta;  
E as vagas após ele correm... cansam  
Como turba de infantes inquieta. (ALVES, [s. d], s. p.)

A poeta empreende uma viagem de retorno, ao mesmo tempo feroz e corajosa (“a memória bravia lança o leme”), a um passado que sobrevive nas camadas mais profundas da memória (“sob os meus pensamentos”), uma versão especificamente afro-brasileira do que Carl Jung denominou “inconsciente coletivo”.<sup>4</sup> Transcendendo o meramente individual, o *eu*

<sup>2</sup> Utilizo aqui o método indutivo, a partir de um “close reading” de dois poemas selecionados com base na sua representatividade dentro da obra poética de Conceição Evaristo.

<sup>3</sup> Estou usando o conceito de paródia no sentido contemporâneo do termo. Diferentemente da sátira, com a qual é frequentemente comparada, a paródia inclui uma apreciação do modelo parodiado. Por exemplo, Michael Bakhtin, discutindo a paródia na Antiguidade em *Problems of Dostoyevsky's Poetics*, já dizia que “a paródia não significa, aqui, uma rejeição absoluta do objeto parodiado” [“Parody here was not, of course, a naked rejection of the parodied object”] (BAKHTIN, 1984, p. 127); em *The Light in Troy: Imitation and Discovery in Renaissance Poetry*, Thomas M. Greene propõe que “toda imitação criativa mistura rejeição filial com respeito, exatamente como toda paródia faz sua própria homenagem oblíqua” [“every creative imitation mingles filial rejection with respect, just as every parody pays its own oblique homage”] (GREEN, 1982, p. 46); finalmente, em *A Theory of Parody: The Teaching of Twentieth-Century Art Forms*, Linda Hutcheon afirma que “considero a paródia como um método para assinalar continuidade ao mesmo tempo que permite uma distância crítica” [“I see parody as a method of ascribing continuity while permitting critical distance”] (HUTCHEON, 1985, p. 20).

<sup>4</sup> “O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode ser distinta negativamente de um inconsciente pessoal pelo fato de que, ao contrário desse último, não deve sua existência à experiência pessoal e, conseqüentemente,





# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa  
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

poético assume a coletividade dos descendentes dos africanos escravizados. Poderíamos aplicar ao contorno coletivo da memória conforme aqui representada as palavras de George Yúdice sobre o memorialismo produzido na América Latina em resposta aos regimes ditatoriais das décadas de 1960 e 1970, o que o crítico chama de *testimonio*:

Testimonio pode ser definido como uma narrativa autêntica por uma testemunha que é movida a narrar pela urgência de uma situação (por exemplo, guerra, opressão, revolução, ec.). [...] A testemunha retrata sua própria experiência como agente (e não como representante) de uma memória e identidade coletivas. A verdade é convocada à causa de denunciar uma situação atual de exploração ou opressão ou de exorcizar e corrigir a história oficial.

[Testimonial writing may be defined as an authentic narrative, told by a witness who is moved to narrate by the urgency of a situation (e.g., war, oppression, revolution, etc.). [...] The witness portrays his or her own experience as an agent (rather than a representative) of a collective memory and identity. Truth is summoned in the cause of denouncing a present situation of exploitation and oppression or in exorcising and setting aright official history.] (YUDICE, 1991, p. 17).

Símbolo na tradição imperial e colonial portuguesa das glórias nacionais, o mar é reapropriado pela poeta a partir de uma perspectiva anti-imperial, anti-colonial e subalterna. Referências marinhas se espalham por todo o poema mas agora com novas conotações que apontam para as especificidades da identidade afro-brasileira: “O movimento vaivém nas águas-lembranças / dos meus marejados olhos transborda-me a vida / salgando-me o rosto e o gosto”. Observe-se a complexidade e, ao mesmo tempo, a delicadeza da elaboração poética desses versos. O “movimento vaivém” representa a conexão entre o passado e o presente (e, como veremos em seguida, o futuro), fazendo também uma alusão sutil aos três séculos do tráfico negreiro, que envolveu a movimentação forçada entre a África e o Brasil de mais de três milhões de pessoas. Estamos aqui começando a passar da esfera da memória para a esfera

---

não é uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente por conteúdos que num certo momento eram conscientes, mas que desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e, portanto, nunca foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência exclusivamente à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste, na sua maior parte, de *complexos*, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente por *arquétipos*”. [“The collective unconscious is a part of the psyche which can be negatively distinguished from a personal unconscious by the fact that it does not, like the latter, owe its existence to personal experience and consequently is not a personal acquisition. While the personal unconscious is made up essentially of contents which have at one time been conscious but which have disappeared from consciousness through having been forgotten or repressed, the contents of the collective unconscious have never been in consciousness, and therefore have never been individually acquired, but owe their existence exclusively to heredity. Whereas the personal unconscious consists for the most part of *complexes*, the content of the collective unconscious is made up essentially or *archetypes*”.] JUNG, 1980, p. 42).



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa  
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>  
Vol. 16, n. 2 -2020  
Dossiê Literatura e Gênero

da história, de acordo com a argumentação de Nora. Nesse contexto as lembranças dos afro-descendentes não poderiam deixar de ser “aquáticas”, isto é, “águas-lembranças”. Seus olhos são referidos como “marejados”, palavra que remonta mais uma vez ao mar, ao mesmo tempo que sugere dor ou sofrimento, como na expressão “olhos marejados de lágrimas”, comumente utilizada em português. A poeta parece referir-se ao *banzo*, o sentimento de nostalgia experimentado pelos negros da África ao serem trazidos forçosamente para a América, que aparece na obra de vários poetas que se ocuparam da temática afro-brasileira desde o século XIX, inclusive na de Evaristo:

Das acontecências do banzo  
A pesar sobre nós,  
Há de nos apumar a coragem. (EVARISTO, 2017, p. 119-120)

Tendo aberto com uma referência aos “pensamentos”, o poema introduz agora, literalmente, o *corpo* afro-brasileiro, impregnado do mar imemorial: “salgados” são o rosto, por onde descem as lágrimas, com seu eterno sabor de dor. A poesia de Evaristo desconstrói a dicotomia entre corpo (inferior) e a razão (superior), característica do pensamento ocidental e cartesiano, associado à emergência da modernidade, cujos elementos nefastos incluem o colonialismo e o tráfico negreiro. Na poesia de Evaristo, ao contrário, o entendimento do mundo passa sempre pelo corpo, físico e carnal: o corpo explorado do escravo, o corpo objetificado da mulher, sobretudo da mulher negra, o corpo maltratado do pobre.

Ao se autodenominar “eternamente naufraga”, a poeta mais uma vez conecta habilmente memória e história. À primeira vista a expressão sugere a dimensão mítica associada à memória, isto é, ao *eu* profundo dos afro-descendentes, delineado nos quatro primeiros versos do poema, conforme demonstramos acima. Mas o vocábulo “naufraga” aponta, ao mesmo tempo, na direção da história concreta do tráfico negreiro, marcado por frequentes desastres e condições sub-humanas, numa luta permanente pela sobrevivência. Como mostra Josiah Blackmore em *Manifest Perdition: Shipwreck Narrative and the Disruption of Empire* (2002), era constante a presença do naufrágio no auge da expansão marítima e do colonialismo lusitanos, cujas narrativas dramáticas e aterrorizantes controem um registro histórico alternativo à visão oficial do Império, sanitizada pelos cronistas oficiais.

Os dois últimos versos apresentam uma variação sobre a imagética marítima que



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

perpassa o poema: “Uma paixão profunda é a boia que me emerge. / Sei que o mistério subsiste além das águas”. Tendo começado na profundidade da reflexão, o poema termina na profundidade do desejo, com a “eternamente naufraga” cada vez mais segura de que “os fundos oceanos não me amedrontam / e nem me imobilizam”, emergindo das águas qual Vênus de ébano<sup>5</sup> que se abre para novas possibilidades. Na entrevista a Júlia Dias Carneiro, mencionada anteriormente, Evaristo destacou a histórica fortitude afro-brasileira em termos que iluminam nossa linha interpretativa:

Não falo da “fortaleza” incutida no imaginário que se tem de um povo negro que não sente dor, que está sempre a cantar, que tem uma alegria já por herança... Esse imaginário não nos reconhece como seres humanos, com alegrias, tristezas, solidão. Esse imaginário retira a nossa vulnerabilidade humana. Essa ideia de fortaleza a gente não reconhece. A gente reconhece a fortaleza que criamos na resiliência, que nos agrega, que nos salva. Sem essa fortaleza, sem a criação de táticas de sobrevivência, a nossa ancestralidade morreria nos porões dos navios (negreiros). (CARNEIRO, 2018, s. p.)

Apesar do título e da ênfase sobre a memorização do passado, “Recordar é preciso” conclui com um olhar voltado para um futuro diferente do passado, reintegrando desta maneira identidade, memória e história. O poema corporifica, assim, os três aspectos, diversos mas complementares, que Dominick LaCapra identifica na relação entre textos e contextos, isto é, o documental ou sintomático, o crítico e o transformativo: “Mas proponho que textos especialmente significativos, como romances ‘clássicos,’ não apenas são retrabalhados sintomaticamente por forças contextuais comuns (como ideologias), mas também superam essas forças de forma crítica e às vezes potencialmente transformativa.” [“But my contention is that particularly significant texts, such as “classic” novels, are not only worked over symptomatically by common contextual forces (such as ideologies) but also rework and at least partially work through those forces in critical and at times potentially transformative fashion.”] (LACAPRA, 1987, p. 4).

Enquanto “Recordar é preciso” é construído sobre o movimento da memória para a história, culminando na afirmação de possíveis transformações futuras, o poema que se segue, “A roda dos não ausentes” (EVARISTO, 2017, p.12), faz o percurso inverso, funcionando

---

<sup>5</sup> Aludo aqui ao célebre quadro “O nascimento de Vênus”, de Sandro Boticelli (1445-1510), geralmente lido como um exemplo visual da filosofia neoplatônica, dominante no Renascimento. (Cf. JANSON, 1977, p. 411-412). Ao privilegiar o corpo, a poesia de Evaristo rejeita como insuficiente qualquer leitura neoplatônica do mundo, em que o corpo é sempre transcendido pela alma.





# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa  
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>  
Vol. 16, n. 2 -2020  
Dossiê Literatura e Gênero

como uma imagem especular do texto de abertura. Começando pelo título (“não ausentes”) e continuando nos três primeiros versos, o segundo poema abre, significativamente, com a voz poética desafiando a negatividade ou qualquer forma de paralisia, isto é, de qualquer concessão ao *status quo*: “O nada e o não / ausência alguma / borda em mim o empecilho”. A poeta conduz o leitor, benjaminianamente,<sup>6</sup> ao âmago das ruínas que constituem seu presente histórico, isto é, o “alquebrado corpo” e “outros pedaços” da “história que me resta”, às quais recusa, contudo, a se render. Pois é exatamente a partir dessas ruínas que a poeta constrói o seu poema: “estilhaçados sons esculpem / partes de uma música inteira”. O poema pretende, assim, transcender o caos histórico por meio de uma ordem alternativa possibilitada pela criação artística. Afirma-se, portanto, a necessidade da poesia como um “lugar de memória” regenerativo e comunitário, que possa reintegrar presente, passado e futuro, para além das divisões atuais: “Traço então a nossa roda gira-gira / em que os de ontem, os de hoje / e os de amanhã se reconhecem / nos pedaços um dos outros. / Inteiros”. A memória funciona como um veículo do desejo, isto é, da utopia sem a qual a vida perde seu sentido: “cada pedaço que guardo de mim / tem na memória o anelar / de outros pedaços”.

Na poesia de Evaristo a recusa do *status quo* não é meramente oposicional nem se exaure numa lamentação – não há nada de elegíaco em sua obra – mas, ao contrário, vem informada por aquela resiliência, que segundo Evaristo, é intrínseca à identidade afro-brasileira. Não se trata apenas de *resistir*, mas de *construir*.<sup>7</sup> Nessa busca simbólica de uma

---

<sup>6</sup> “A palavra ‘história’ está escrita no semblante da natureza nos caracteres da transitoriedade. ... Na ruína a história se fundiu ao cenário”. [“The word ‘history’ stands written on the countenance of nature in the characters of transience.... In the ruin history has physically merged into the setting”] (BENJAMIN, 1977, pp. 177-78). Como sugere a crítica Naomi Stead, “a concepção benjaminiana da ruína é um meio de revelar uma verdade escondida sob as camadas de uma falsa estética romântica. Fornece a base para um exame mais aprofundado das inter-relações entre estética e política, alegoria e símbolo, monumento e ruína, crítica e mito. Esse é o valor e a relevância duraoduros da ideia benjaminiana de ruína e arruinação”. [“Benjamin’s conception of the ruin is as a means of laying bare a truth buried beneath layers of false romantic aesthetics. It provides the basis for further examination of the interrelations between aesthetics and politics, allegory and symbol, monument and ruin, criticism and myth. This is the lasting value and relevance of Benjamin’s idea of ruin and ruination”.] (SNEAD, 2003, p. 64).

<sup>7</sup> Em textos anteriores propus que a literatura é mais eficiente na realização de suas funções crítica e transformativa quando assume uma posição de permanente *dissidência* (ativa) antes que de mera *resistência* (passiva). Nesses textos, estabeleço um diálogo com o crítico novo-historicista Alan Sinfield (1941---): “Por ‘dissidência’ entendo a recusa de um aspecto do dominante sem pré-julgar o resultado. Isso pode parecer uma postura mais débil [do que a ‘subversão’], mas acredito ser realmente uma postura mais robusta na medida em que estabelece um espaço necessariamente aberto a uma contínua disputa, na qual em algumas conjunturas o dominante perderá terreno enquanto em outras o subordinado mal poderá manter sua posição” (SINFIELD,



sempre escorregadia unidade há algo de ritualístico, de sacralizante, e de carismático: a visão de uma nova comunidade integrativa para além das divisões e fragmentação do presente. Nesse sentido poderíamos estabelecer um diálogo entre o texto de Evaristo e as palavras de São Paulo na *Primeira Epístola aos Coríntios*, deixando à parte, obviamente, os aspectos mais estritamente religiosos do texto paulino. Um dos textos mais influentes do pensamento ocidental tendo impactado pensadores como Paulo Freire e ficcionistas como Günter Grass,<sup>8</sup> *Coríntios I* contempla uma comunidade baseada na noção de *caritas* ou *agape* (ἀγάπη, no grego original do texto), isto é, do amor que, diferentemente de *eros* (ἔρως), voltado para a satisfação do desejo individual, se abre para o outro, incluindo tanto os ausentes quanto os “não ausentes”, para utilizarmos o vocabulário poético de Evaristo. Para Paulo, a realização da *caritas* consiste na reintegração das partes no todo, preocupação que ecoa na poesia de Evaristo. Ouçamos as palavras do apóstolo em *Coríntios I*, 12, 12-14:

Porque, como o corpo é um todo tendo muitos membros, e todos os membros do corpo, embora muitos formam um só corpo, assim também Cristo. Em um só Espírito fomos batizados todos nós, para formar um só corpo, judeus ou gregos, escravos ou livres; e todos temos bebido dum só Espírito. Assim o corpo não consiste em um só membro, mas em muitos.” (BIBLIA SAGRADA, 1964, p. 1498-1499).<sup>9</sup>

---

1992, p. 49). [“‘Dissidence’ I take to imply refusal of an aspect of the dominant, without prejudging the outcome. This may sound like a weaker claim [than ‘transgression’], but I believe it is actually stronger insofar as it posits a field necessarily open to continuing contest, in which at some conjunctures the dominant will lose ground while at others the subordinate will scarcely maintain its position.”] Cf. meu ensaio “Crítica e dissidência”.

<sup>8</sup> Considere-se, por exemplo, a presença de *Coríntios I* no conceito de amor como *caritas* que insufla a obra de Paulo Freire e é inseparável da noção-chave de diálogo: “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a *pronúncia* do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há, amor que a infunda” (FREIRE, 1970, p. 93-94). Semelhantemente a São Paulo, Freire insiste no amor como consequência da conexão inextricável do ser humano com seu Criador: “A sua transcendência está também, para nós, na raiz de sua finitude. Na consciência que tem desta finitude. Do ser inacabado que é e cuja plenitude se acha na ligação com seu Criador” (FREIRE, 1983, p. 40). A primeira parte de *O tambor [Die Blechtrommel]*, de Günter Grass, que, ao contrário de Freire, não era religioso, conclui com uma reconstrução ficcional dos eventos de 9-10 de novembro de 1938, conhecidos como *Kristallnacht*, por meio de uma paródia ao mesmo tempo mordaz e compassiva de *Coríntios I* (GRASS, 1990, p. 196-206). É bom lembrar mais uma vez que estou usando o termo paródia conforme explicado na nota 2.

<sup>9</sup> Em *The Time that Remains: A Commentary on the Letter to the Romans*, Giorgio Agamben estabelece definitivamente as ligações entre o messianismo de Walter Benjamin e o *ho nyn kairos* (o ‘tempo do agora’, em que se desdobram novas possibilidades de se conceber a vida humana) das cartas do apóstolo Paulo, em especial a *Epístola aos Romanos*, em termos que não é possível detalhar aqui, mas que informam o argumento desenvolvido neste artigo. Para Agamben, as epístolas, muito mais do que documentos fundadores de uma nova religião, representariam a corporificação última do messianismo na tradição ocidental. A filosofia benjaminiana da história, profundamente informada por elementos messiânicos, constituiria uma apropriação dos conceitos paulinos sobre o tempo.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa  
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>  
Vol. 16, n. 2 -2020  
Dossiê Literatura e Gênero

Com o texto paulino em mente, vale a pena concluir nossa leitura revisitando os oito versos que fecham o poema:

E da história que me resta  
estilhaçados sons esculpem  
partes de uma música inteira.  
Traço então a nossa roda gira-gira  
Em que os de ontem, os de hoje,  
E os de amanhã se reconhecem  
Nos pedaços uns dos outros.  
Inteiros.

Não pretendo de maneira alguma minimizar a presença específica da identidade afro-brasileira que nutre a obra de Evaristo. Entretanto, não podemos circunscrever sua obra à experiência dos afro-descendentes, na medida em que não se trata apenas de uma expressão da memória afro-brasileira, mas revela igualmente um inabalável compromisso histórico com a justiça concebida como uma permanentemente almejada utopia. O que é notável na poesia de Evaristo é que esses dois aspectos – o especificamente identitário e o historicamente universal ou humano – se articulam e se fundem com impressionante sutileza; um não é maior nem mais dominante do que outro. Relembrando o que foi dito com base nos comentários de Gillis e de Goffman, identidades, antes que unitárias, são múltiplas, formando uma espécie de constelação. Desta forma, enquanto seja preciso reconhecer que Conceição Evaristo é uma das escritoras afro-brasileiras mais importantes da atualidade, não podemos compartimentalizá-la na categoria de autora afro-brasileira. Trata-se de uma das melhores escritoras contemporâneas, cuja voz poderosa e eloquente introduz, a partir de sua afro-brasileiridade mas não circunscrita a ela, novas e originais modulações no cânone literário em língua portuguesa.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *The Time That Remains: A Commentary on the Letter to the Romans*. Patricia Dailey (trad.). Stanford: Stanford U Press, 2005.

ALVES, Antônio F. de Castro, O navio negreiro. [s. d] Disponível em <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000068.pdf>. Acesso em: 18 abr 2020.

BAKHTIN, Mikahil. *Problems of Dostoevsky's Poetics*. Trad. Caryl Emerson. Minneapolis: U of Minnesota Press, 1984.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

BENJAMIN, Walter. *The Origins of German Tragic Drama*. Trad. John Osborne). New York: Verso, 1977.

*BÍBLIA SAGRADA*. São Paulo: Ave Maria, 1964.

BLACKMORE, Josiah. *Manifest Perdition: Shipwreck Narrative and the Disruption of Empire*. Minneapolis: U of Minnesota Press, 2002.

CARNEIRO, Júlia Dias. BBC Brasil, 9 de março de 2018. *‘É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas ao 71 anos’, diz escritora*. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>. Acesso em: 25 jun 2019.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Malê, 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GILLIS, John R (ed.). *Comemorations: The Politics of National Identity*. Princeton: Princeton U Press, 1994.

GOFFMAN, Erving. *Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*. New York: Simon & Schuster, 1963.

GRASS, Günter. *The Tin Drum*. Trad. Ralph Manheim. New York: Vintage, 1990.

GREENE, Thomas M. *The Light in Troy: Imitation and Discovery in Renaissance Poetry*. New Haven: Yale U Press, 1982.

HUTCHEON, Linda. *A Theory of Parody: The Teaching of Twentieth Century Art Forms*. New York: Methuen, 1985.

JANSON, H. W. *History of Art: A Survey of Major Visual Arts from the Dawn of History to the Present Day*. 2. ed. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1977.

JUNG, Carl. *Archetypes and the Collective Unconscious*. Gerhard Adler & R. F. C. Hull (eds. e trads.). Princeton: Princeton U Press, 1980.

LACAPRA, Dominick. *History, Politics, and the Novel*. Ithaca: Cornell U Press, 1985.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. *Les Lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984. V. 1, p. XV-XLII.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol. 16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

SINFIELD, ALAN. *Faultlines: Cultural Materialism and the Politics of Dissident Reading*. Berkeley, U of California Press, 1992.

SNEAD, Naomi. The Value of Ruins: Allegories of Destruction in Benjamin and Speer. *Form/Work: An Interdisciplinary Journal of the Built Environment*, n. 6, p. 51-64, Outubro de 2003.

VALENTE, Luiz Fernando. Crítica e dissidência. In OLINTO, Heidrun Krieger; SCHØLLHAMMER, Karl Erik; SIMONE, Mariana (Orgs.). *Literatura e artes na crítica contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio. 2016. p. 179-193.

YUDICE, George. Testimonio and Postmodernism. *Latin American Perspectives*, v. 18, n. 3, p. 15-31, verão 1991.